

# Economia Social e Pública

LUCCA SIMEONI PAVAN  
(Organizador)



 **Atena**  
Editora  
Ano 2018

Lucca Simeoni Pavan  
(Organizador)

# **Economia Social e Pública**

Atena Editora  
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação e Edição de Arte:** Geraldo Alves e Natália Sandrini

**Revisão:** Os autores

#### **Conselho Editorial**

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

E19	Economia social e pública [recurso eletrônico] / Organizador Lucca Simeoni Pavan. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018.  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-85107-27-7 DOI 10.22533/at.ed.277180409  1. Cooperativismo – Brasil. 2. Economia social. I. Pavan, Lucca Simeoni.  CDD 334.0944
-----	---

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

E-mail: [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

O estudo da economia tem como foco principal estudar as relações de eficiência da escolhas dos agentes. Este ramo da ciência trata da obtenção da melhor escolha por parte dos agentes econômicos dada as restrições que eles enfrentam. Em sua grande maioria, os estudos econômicos e, por sua vez, as decisões de políticas consequentes destes estudos, falham quando não levam em conta os impactos sociais de tais escolhas econômicas e como tais políticas transbordam para outros segmentos da sociedade que não foram vislumbrados no momento de formulação e aplicação de determinada política.

Estudos econômicos que coloquem ao centro questões sociais e públicas no conjunto de fatores influenciados por políticas e decisões econômicas são de fundamental importância na construção de uma sociedade próspera, justa e organizada. Por este fato, este livro compila excelentes estudos que abordam questões sociais e questões públicas conjuntamente com o ferramental propiciada pela ciência econômica. A ênfase principal dos artigos é tratar especificamente da economia solidária, e quais suas aplicação e interpretações de fenômenos econômicos esta metodologia proporciona e quais são suas contribuições para a interpretação das relações econômicas e sociais.

Nesta coletânea os estudos abordam as mais diferentes regiões do Brasil, tratando de questões regionais e da desigualdade econômica existente em nosso país. A localização é um fator destacado dentre os trabalhos contidos aqui. Por meio da Economia Solidária, estudou-se tanto a região urbana quanto a região rural, mostrando que a utilização da teoria da economia Solidária pode incorporar diversos aspectos da organização territorial. Outro aspecto relevante estudado são as questões econômicas e jurídicas referentes ao mercado de trabalho, que foram abordadas por meio das teorias Econômicas voltadas para as questões sociais e de interesse público.

Por fim, esta coletânea vem contribuir imensamente com o estudo da Economia Social e Pública, principalmente ao que se refere à questões de Economia Solidária e Arranjos ou Associações Produtivas. Sem dúvida o leitor terá em mãos excelentes referências para identificar temas de estudo, referências para pesquisas e autores identificados com o tema.

Lucca Simeoni Pavan  
Doutorando em economia pelo PPGDE/UFPR

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
SENTIDOS DO TRABALHO: UMA PERSPECTIVA DE TRABALHADORES DE ECONOMIA SOLIDÁRIA	
Gabriela Comissario Santos Susana Iglesias Webering	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>22</b>
EMPREENDEDORISMO SOCIAL: INTEGRANDO SOCIEDADE E ACADEMIA	
Roberto André Polezi Eduardo Avancci Dionisio	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>36</b>
TRAJETÓRIA DA COOPERATIVA DOS PRODUTORES DE OSTRAS DE CANANÉIA: TRADUÇÕES E RESILIÊNCIA	
Ingrid Cabral Machado Newton José Rodrigues da Silva	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>64</b>
O PAGAMENTO POR SERVIÇOS AMBIENTAIS COMO CONTRIBUIÇÃO PARA A SUSTENTABILIDADE EM UNIDADE DE CONSERVAÇÃO	
Elenize Freitas Avelino Roberta Monique da Silva Santos	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>70</b>
CENTRAL DA AGRICULTURA FAMILIAR DE NATAL - RN NA PERCEPÇÃO DOS BENEFICIADOS: UM ESPAÇO DE INCLUSÃO FAMILIAR, SOLIDARIEDADE E SUSTENTABILIDADE?	
Rivânia Maria Pinto Rodrigues Gonzalez Canejo Erika Araújo da Cunha Pegado	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>79</b>
ASSOCIAÇÃO DE HORTIFRUTIGRANJEIROS ORGÂNICOS DE BOA VISTA – RR (HORTIVIDA): PLANTANDO E COLHENDO SOB A ÉTICA DA ECONOMIA SOCIAL E SOLIDÁRIA.	
Dayana Machado Rocha Cleane da Silva Nascimento Márcia Teixeira Falcão Emerson Clayton Arantes	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>92</b>
MODELO TEÓRICO DE ORGANIZAÇÃO PARA A PRODUÇÃO COLETIVA DE ARTESANATO: O CASO DA ASSOCIAÇÃO DE MULHERES ARTESÃS DA ÁREA RURAL DE MONGAGUÁ/SP <sup>1</sup>	
Newton José Rodrigues da Silva Marisa Vicente Catta-Preta Thais Maria Muraro Silva Mariany Martinez dos Santos	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>124</b>
LAVANDERIA 8 DE MARÇO, SANTOS/SP: UMA EXPERIÊNCIA DE VALORIZAÇÃO DE MULHERES	
Márcia Silveira Farah Reis	
Newton José Rodrigues da Silva	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>159</b>
ECONOMIA SOCIAL SOLIDÁRIA COMO ESTRATÉGIA PARA A GESTÃO DE EMPREENDIMENTOS	
ECONÔMICOS LOCAIS DA COMUNIDADE RIBEIRINHA NOSSA SENHORA DO LIVRAMENTO,	
MANAUS, AMAZONAS	
Duarcides Ferreira Mariosa	
Luciana Melo Felix da Silva	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>168</b>
ANÁLISE DOS ASPECTOS JURÍDICOS, LEGAIS E TRIBUTÁRIOS DOS EMPREENDIMENTOS	
SOLIDÁRIOS NA LEGISLAÇÃO BRASILEIRA	
Arlete Cândido Monteiro Vieira	
Roney Rezende Rangel	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>186</b>
QUADRO TEÓRICO DE APOIO À ATUAÇÃO DE EXTENSIONISTAS PARA O FORTALECIMENTO	
DA ECONOMIA SOLIDÁRIA	
Newton José Rodrigues da Silva	
Abelardo Gonçalves Pinto	
Edna Ferreira Maddarena Lopez	
Olivier Mikolasek	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>222</b>

## MODELO TEÓRICO DE ORGANIZAÇÃO PARA A PRODUÇÃO COLETIVA DE ARTESANATO: O CASO DA ASSOCIAÇÃO DE MULHERES ARTESÃS DA ÁREA RURAL DE MONGAGUÁ/SP<sup>1</sup>

### **Newton José Rodrigues da Silva**

Zootecnista, Dr. Extensionista da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral/SAA. Integrante do Fórum de Economia Solidária da Baixada Santista. E-mail: newtonrodrigues@cati.sp.gov.br.

### **Marisa Vicente Catta-Preta**

Psicóloga, MSc. Coordenadora do Espaço Eranos, Santos/SP.

### **Thais Maria Muraro Silva**

Engenheira Agrônoma. Diretora do Departamento de Agricultura da Prefeitura de Itanhaém/SP.

### **Mariany Martinez dos Santos**

Bióloga, indigenista da FUNAI.

**RESUMO:** O presente artigo apresenta dois referenciais teóricos, sendo um da sociologia e outro da psicologia para subsidiarem a organização de grupos de mulheres que residem em territórios rurais e se unem com o objetivo de produzir artesanato com a valorização dos seus talentos e produtos locais. Além disso, sugere um conjunto de ações de apoio que contemplam aspectos de capacitação técnica, organizacional e referentes à comercialização, para que o grupo atinja os seus objetivos. Os referenciais teóricos são a sociologia da tradução e os tipos psicológicos de Jung. O primeiro orienta a construção de redes sociotécnicas que portam as atividades econômicas. Já, o

da psicologia, possibilita que as integrantes de um grupo conheçam mutuamente as suas dinâmicas individuais para a sua harmonização e melhor aproveitamento das características de cada uma, possibilitando o planejamento e execução das atividades de forma coordenada. O presente modelo foi construído entre 2006 e 2011, fundamentado em trabalhos realizados com mulheres do bairro rural da Água Branca/Mongaguá. A sua aplicação se mostrou pertinente, pois possibilitou a construção de uma rede sociotécnica, a harmonização das relações entre as integrantes do grupo e propôs a sua reorganização com a adequação dos tipos psicológicos às diferentes atividades.

**PALAVRAS-CHAVE:** economia solidária, artesãs rurais, sociologia da tradução, tipos psicológicos

**ABSTRACT:** The following article presents two theoretical references, one belongs to sociology and the other one to psychology to subsidize the organization of groups of women who live in rural territories and get together in order to create handicrafts to value their skills and local products. Furthermore, it suggests a series of supporting actions that contemplate aspects of technical and organizational capacities involving commercialization, so the group can achieve their goals. The theoretical references

1- Financiada parcialmente pelo CNPq, processo nº 560429/2008-8.



are the sociology of translation and the psychological types of Jung. The first one orientates the construction of sociotechnical nets that carry economic activities. While the psychology referential enables group members to get to mutually know the individual dynamics contemplating the harmonization and a better use of each one's characteristics, enabling the coordinated planning and execution of the activities. The present model was built between 2006 and 2011, based on work with women from the rural neighborhood of Água Branca/Mongaguá. Its application was relevant because it made possible the construction of a sociotechnical network, the harmonization of the relation among the members of the group and proposed its reorganization of the group with the adaptation of psychological types to different activities.

**KEYWORDS:** solidarity economy, rural crafters, sociology of translation, psychological types

## 1 | INTRODUÇÃO

A produção de artesanato em fibra de bananeira foi concebida a partir de 1991 como resultado de um projeto denominado “Aproveitamento de Resíduos da Agroindústria da Banana no Vale do Ribeira-SP”. A sua realização foi feita pela ESALQ/USP (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, da Universidade de São Paulo), com base em uma solicitação do CODIVAR (Consórcio de Desenvolvimento Intermunicipal do Vale do Ribeira), com financiamento da Secretaria de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico do Estado de São Paulo. Buscava-se apontar qual o melhor aproveitamento para o resíduo da bananicultura - importante atividade na referida região - para geração de renda. A ideia de produzir artesanato com fibra de bananeira tinha como princípios, dentre outros, a utilização do resíduo da bananicultura como matéria prima, a valorização de técnicas de produção de artesanato já praticadas e complementação de renda para aqueles que praticavam a agricultura de subsistência, sob a perspectiva da pluriatividade<sup>2</sup>. Foi considerado, ainda, que os produtos da artesanaria em fibra de bananeira teriam expressivo apelo comercial quando associados ao turismo de base comunitária. A trajetória da atividade em questão foi construída com estudos realizados na ESALQ tendo o pseudocaulo da bananeira como matéria prima, resgate de técnicas utilizadas por artesãos do Vale do Ribeira com outras fibras, elaboração de protótipos de objetos, testes com produção de papel artesanal, utilização de material originário de diferentes cultivares locais. A partir de 1997 foi elaborada uma metodologia de divulgação dos resultados desses trabalhos, realizando-se treinamentos nos municípios do Vale do Ribeira para que houvesse a adoção da atividade. Os núcleos de desenvolvimento da produção de artesanato em fibra de bananeira foram grupos que se formaram nos municípios de

---

2- Trata-se de um fenômeno em que famílias residentes em domicílios rurais incorporaram à sua estratégia de reprodução social, um conjunto variado de atividades econômicas, não necessariamente ligadas à agricultura e cultivo da terra, configurando assim, o “novo rural brasileiro” (Silva, 2002).



Miracatu e Itariri (Garavello *et al.*, 2010).

A adoção da referida atividade por mulheres que atuam juntas, dividindo as tarefas, é de grande complexidade pelo fato de envolver, normalmente, pessoas com diferentes origens e anseios. Exige, ainda, relações de cooperação e confiança entre as artesãs para a produção do artesanato e gestão do negócio. Além disso, as inovações técnicas e organizacionais devem estar presentes durante todo o processo, com o objetivo de se ter produtos com aceitação no exigente mercado consumidor de artesanato, que considera atributos relacionados à estética, durabilidade e custo dos produtos.

Em 2006, os desafios expostos acima foram assumidos no bairro rural da Água Branca/Mongaguá por um grupo de mulheres que tinha conhecimento do processo que se desenvolvia no Vale do Ribeira. Foi solicitado apoio aos extensionistas da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI), órgão da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, e Prefeitura Municipal de Mongaguá. Para a construção do projeto partiu-se do princípio que nenhum projeto nasce bom, mas se torna bom quando viabilizado por uma rede sociotécnica. O referido conceito é considerado o coração da sociologia da tradução desenvolvida por Michel Callon e Bruno Latour a partir do início da década de 80, na França (Bernoux, 2004). Além disso, as diferenças na forma de ser e agir das mulheres que pleiteavam trabalhar em grupo deveriam ser compreendidas mutuamente, para que houvesse melhores condições de superação de eventuais problemas no cotidiano e aproveitamento das características de cada uma nas diferentes tarefas que compõem a produção de artesanato em fibra de bananeira e a gestão do negócio. Os Tipos Psicológicos desenvolvidos por Carl Gustav Jung constituem um referencial teórico de fácil compreensão que pode ser aplicado por integrantes de grupos que se dedicam à produção (Silveira, 2007).

Assim, foram mobilizados dois referenciais teóricos para apoiar a formação de um grupo de artesãs que habita na área rural, sendo a sociologia da tradução voltada para a construção de uma rede com diferentes atores atuando de forma coordenada. E outro referencial, voltado à compreensão das características individuais das artesãs que se relacionarão no cotidiano. Porém, necessitava-se ainda de um conjunto de ações de formação para que as artesãs aprendessem a transformar o pseudocaulo da bananeira em material para ser utilizado no artesanato, assim como desenvolvessem produtos com valor de mercado, os comercializassem e obtivessem renda. Com as artesãs definiram-se as ações que seriam realizadas de acordo com a evolução técnica e organizacional do grupo. Os recursos necessários para a execução das diferentes etapas integrantes do projeto foram da CATI, Prefeitura Municipal de Mongaguá e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

A aplicação da sociologia da tradução e dos tipos psicológicos de Jung na construção de um grupo de artesãs na área rural de Mongaguá/SP permitiu tirar ensinamentos que podem ser aplicados pelas suas integrantes e, também, em outros grupos que tenham objetivo similar.

## 2 | O BAIRRO RURAL DA ÁGUA BRANCA

O bairro rural da Água Branca, como representado na Figura 1, localiza-se no município de Mongaguá/SP. Trata-se de uma microbacia hidrográfica, ou seja, é a área geograficamente delimitada por espigões e drenada por um curso d'água ou por um sistema conectado de cursos d'água.

### Localização da Bacia da Água Branca, Mongaguá

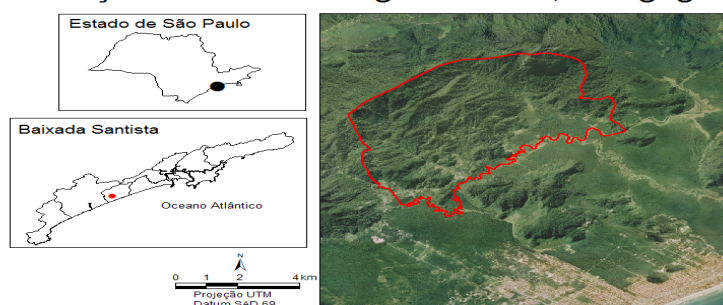


Figura 1. Localização do bairro rural da Água Branca, Mongaguá/SP

O município de Mongaguá possui 104 Unidades de Produção Agropecuárias (UPAs), sendo a maioria localizada na microbacia hidrográfica da Água Branca e adjacências. Destas, 102 possuem área inferior a 50 ha e duas com área superior a 500 ha (São Paulo, 2008). Historicamente a área da microbacia remete a uma importante fazenda de produção de bananas – a Fazenda Barigui – que escoava sua produção através de troleys e detinha número significativo de funcionários (Dianno, 2007). Atualmente, as atividades econômicas desenvolvidas são limitadas a algumas atividades agropecuárias, estabelecimentos comerciais e o turismo rural, representado principalmente por pesque-pagues. Além destes, existem também cultivos relacionados a hortaliças, pomares domésticos ligados à subsistência e plantas ornamentais. A comunidade que habita a microbacia é heterogênea, vinculada a diferentes origens e períodos de chegada ao local. Além dos produtores rurais e comerciantes, a ocupação é também caracterizada por aposentados, produtores descapitalizados que dependem de outras fontes de renda e ainda chácaras de veraneio que empregam caseiros ou mesmo famílias para realizar sua manutenção.

O fato de Mongaguá inserir-se na Região Metropolitana da Baixada Santista, que possui 1.585.820 habitantes e estar a 95 km de São Paulo, capital do estado, com 10.659.386 habitantes (IBGE, 2011) constitui uma vantagem competitiva para os produtos daquele município.

## 3 | REFERENCIAIS TEÓRICOS

### 3.1 Sociologia da tradução: os grupos de artesãos assimilados a uma rede

## sociotécnica

A sociologia da tradução nasceu do estudo das condições de produção da ciência e da tecnologia, mas atualmente é aplicada nos processos de inovações das empresas e organizações (Bernoux, 2004). A sua utilização como referencial teórico para a organização de um grupo de mulheres artesãs da área rural no município de Mongaguá/SP, fundamentou-se na premissa de que o grupo somente se viabilizaria se fosse resultado de uma rede sociotécnica, com diferentes atores em cooperação, sendo eles: as próprias artesãs, representantes do poder público, consumidores de artesanato etc.

A rede sociotécnica é definida como uma organização, integrada pelas entidades humanas e não humanas, individuais ou coletivas, definidas por seus papéis, objetivos, identidades e programas, colocadas em intermediação uns com os outros (Callon, 1999). Para Bernoux (2004) o coração da sociologia da tradução é constituído pela ideia de que uma inovação, seja técnica ou organizacional, não tem força necessária para se impor quando inexistente uma rede sociotécnica que lhe dê vida. Assim, um projeto como a organização de artesãs no meio rural para a geração de renda aparentemente é bom. Porém, ele se tornará efetivamente bom se uma rede sociotécnica viabilizá-lo, pois não se imporá pelas suas qualidades próprias. São os integrantes da rede atuando em cooperação, de forma alinhada, que farão com que a ideia se torne boa, que o projeto seja bom. O desafio, portanto, é colocar os atores sociais, heterogêneos, em relação para construir a rede, visto que cada um deles tem um objetivo particular e uma lógica de ação específica. Assim, é necessário que essas lógicas de ação sejam compreendidas, que haja o entendimento de que somente o trabalho em rede pode viabilizar o objetivo de cada um. A construção da rede sociotécnica está condicionada à realização de traduções.

Para os sociólogos da tradução, traduzir não tem o sentido que essa palavra possui na linguagem corrente. Não se trata de passar um texto de um idioma para outro. Callon (1999) exemplifica o conceito de tradução. Em uma situação emergente, o ator A, engajado na produção de conhecimentos porta um enunciado não inteligível para o ator B. Se A transmite a B os seus conhecimentos em forma de enunciado codificados, esse último não está dotado de competências necessárias para a sua compreensão por ter uma lógica de ação diferente do primeiro. B não pode ver utilidade nos conhecimentos de A a não ser que este se lance em uma tarefa de estabelecer um elo de inteligibilidade com B e crie um cenário de interesses comuns, em que se estabelecem compromissos a partir da conciliação de propósitos. A tradução é um processo que proporciona a convergência de interesses. Dessa forma, A seria o tradutor de B. No início da tradução, as posições entre os atores envolvidos são divergentes, mas ao seu fim um discurso as unifica e as coloca em relação de forma inteligível possibilitando compreender as vozes falando em uníssono e se compreendendo mutuamente. A tradução é um processo antes de ser um resultado, que permite

estabelecer uma equivalência constantemente renegociada entre o produtor do conhecimento e o utilizador em potencial. Ela passa frequentemente pela construção de novos atores e interesses, com base no deslocamento de posições desses mesmos atores, na medida em que avançam as negociações e a convergência.

Beuret (2006) afirma que o perfil do tradutor é de fundamental importância para que as traduções sejam realizadas. Para o autor, de forma geral, o tradutor deve saber construir um clima de cooperação entre os atores sociais, ter capacidade de ouvir, favorecer as proximidades e estabelecer parcerias, dialogar com integrantes do poder público e ter criatividade, formação técnica e engajamento pessoal.

No presente estudo, como se partia de uma situação em que não havia um grupo de artesãs organizado, definiu-se a necessidade do poder público assumir as operações de tradução ou apoiá-las quando um ator da iniciativa privada a realizasse. Além disso, deveria-se seguir as dez as etapas de construção de redes sociotécnicas apontadas por Amblard *et al.* (2005), como segue:

- Análise do contexto

A tradução se inicia com a contextualização que, nesse caso, é a compreensão dos atores implicados no processo, a lógica e o interesse de cada um, assim como o nível de convergência entre eles. Compreender o contexto é de fundamental importância para se atuar conhecendo o que está em jogo e as relações estabelecidas.

- Problematização

Nessa etapa o tradutor emerge fazendo a ligação entre os atores que integram o contexto, estimulando e apoiando o estabelecimento de relações de acordo com os seus interesses e afinidades, para que busquem coletivamente a resposta para uma questão geral. Assim, iniciam-se os deslocamentos dos atores no sentido da convergência para a construção da resposta ao problema.

- Ponto de passagem obrigatório

O ponto de passagem obrigatório pode ser um enunciado, um projeto, uma instituição ou um lugar, que representa a convergência entre os atores fundamentada em um acordo. Impossibilitados de atingirem os seus objetivos individualmente, terão que, juntos, atuarem na construção do ponto de passagem obrigatório, que é uma condição indispensável para a construção da rede.

- Porta-vozes

Após as etapas descritas, o quadro entre as entidades é de cooperação. Considerando a rede como produto de uma negociação, cada entidade humana ou não humana tem o seu porta-voz nas discussões. Há a necessidade de que os porta-vozes tenham legitimidade para que a construção das propostas tenha respaldo nos grupos que cada um representa.

- Investimento de forma

Essa etapa é fundamentada na atuação de porta-vozes, visto que dependendo do tamanho da rede, o ator-tradutor trata de reduzir o número de representantes para que haja maior homogeneidade e controle. Assim, se torna mais fácil o estabelecimento de

acordos. O investimento, nesse caso, não é em bens materiais, mas em pessoas, que tratarão de estabelecer as regras do (s) acordo (s). Mais uma vez emerge a importância da legitimidade dos porta-vozes.

- Intermediários

A rede é cimentada pelos intermediários, que significa tudo o que circula entre as entidades envolvidas, que as coloca em relação, podendo ser informações contidas em papéis, disquetes ou objetos técnicos, dinheiro e outros seres humanos com as suas competências que proporcionam as ligações. Reuniões e seminários frequentes também podem ser intermediários das relações.

- Mobilização

Agora, os atores serão alistados e mobilizados, tendo um sentido, um papel ativo definido para fazer a rede sociotécnica funcionar. Atores que participam do processo, mas que não têm um papel claro e legitimidade para desempenhá-lo, não contribuirão para que haja mobilização. Ao contrário, as ações em curso podem experimentar o descrédito e serem paralisadas.

- Ampliação da rede

A cooperação entre os atores está estabelecida, a ligação dos porta-vozes está feita. A expansão da rede é fundamental para a sua estabilidade e irreversibilidade, que ocorre no sentido do seu centro em direção à periferia, agregando novos atores que lhe darão mais solidez e viabilização do fato.

- Vigilância

A estabilidade da rede depende, também, da sua vigilância. Esta deve ser constante e realizada de diferentes formas, dependendo da natureza da rede que se constrói. Em se tratando de uma rede que viabilizará uma atividade econômica realizada por um grupo, é necessário que haja vigilância quanto à coesão social, qualidade do produto, gestão do negócio, concorrência no mercado, comprometimento com as decisões coletivas etc.

- Transparência

A transparência das ações é necessária e o debate deve ser contínuo. Havendo falta de transparência, a desconfiança certamente se instalará e pode viabilizar a emergência de conflitos. A confiança entre os atores está fundamentada nas suas ações. A existência da mínima manipulação pode condenar a tradução e sepultar a rede.

### **3.2 Os tipos psicológicos de Jung: compreender a dinâmica individual**

Carl Gustav Jung foi um dos grandes pensadores do Século XX. A sua vasta obra, de forma geral, tem o objetivo de auxiliar as pessoas a melhor se conhecerem e, fundamentadas nesse conhecimento, usufruir vidas plenas, ricas e felizes (Freeman 19--).

Jung (2011) afirma que cada pessoa tem um tipo psicológico que o caracteriza

segundo os seus interesses, habilidades e forma de se relacionar com as outras pessoas. A tipologia se divide em tipos de atitudes e funções psicológicas. Assim, os indivíduos podem ser extrovertidos ou introvertidos, segundo as suas atitudes. Segundo Von Franz e Hilman (1990), o indivíduo extrovertido tem intimidade com o objeto e o introvertido com o sujeito. Deve-se compreender que o termo objeto refere-se a tudo o que é externo, enquanto o termo sujeito, ao próprio indivíduo. Pode-se afirmar que os indivíduos extrovertidos têm maior facilidade de exercer atividades profissionais que proporcionam contato com pessoas, com o que é externo. Enquanto os introvertidos se adequam mais a atividades internas.

Porém, Silveira (2007) afirma que, em seus estudos, Jung detectou que havia diferenças entre pessoas que tinham o mesmo tipo de atitude, ou seja, um extrovertido poderia ser diferente de outro extrovertido, e o mesmo ocorrendo entre introvertidos. O fator responsável pelas diferenças que apresentavam no comportamento devia-se ao fato de terem funções psicológicas diferentes. As referidas funções são mobilizadas pelos indivíduos para se adaptarem ao mundo exterior. Para Jung (2011) existem quatro funções psicológicas, sendo: pensamento, sentimento, sensação e intuição. Silveira (2007) afirma que *“todos possuímos as quatro funções, entretanto sempre uma dentre elas se apresenta mais desenvolvida e mais consciente que as três outras. Daí ser chamada de função principal... cada indivíduo utiliza de preferência sua função principal, pois manejando-a consegue melhores resultados na luta pela existência”*. Aquela que é considerada menos desenvolvida, que o indivíduo encontra maiores dificuldades para manejar, é a função inferior. Considerando que as quatro funções podem ser extrovertidas ou introvertidas, assim existem oito tipos psicológicos. As características das funções e dos tipos psicológicos estão representados abaixo, com base em Jung (2011); Silveira (2007) e Von Franz e Hilman (1990). Foram feitas, ainda, sugestões que relacionam cada um dos tipos psicológicos às características de produção de artesanato por um grupo em que as pessoas atuam juntas.

#### Função pensamento

Pessoas que possuem a função pensamento esclarecem e racionalizam os fatos, assim como apresentam boa capacidade para a organização. Elas são importantes para que haja continuidade nos processos em curso e direcionamento das ações para o foco. Porém, não se preocupam muito com os aspectos emocionais das pessoas.

#### Tipo pensamento introvertido

Características principais: Age com foco por meio das suas ideias, independente se esta é a forma da maioria das pessoas pensarem.
Qual a aptidão para atuar em um grupo de produção de artesanato? Organizar as reuniões, cronogramas com tarefas, escrever sobre o grupo, elaborar lista de compra de materiais, estabelecer prioridades, distribuir tarefas.
O que tem dificuldade para fazer em um grupo de produção de artesanato? Compreender que por um problema emocional uma colega deixou de ir ao trabalho ou produziu menos, por exemplo. Ter uma interação mais afetiva com o grupo como prioridade.



### Tipo pensamento extrovertido

Características principais: Age com foco por meio da sua determinação e do que pede o coletivo.
Qual a aptidão para atuar em um grupo de produção de artesanato? Colocar as idéias em execução, pôr ordem no que concerne aos objetos. Fazer contatos e reuniões sem perder o foco e a objetividade do empreendimento. Promover a expansão de ideias do grupo para o coletivo, articulando os atores que integram a rede sociotécnica que viabiliza o projeto. Organizar e coordenar reuniões entre os membros do grupo e do mesmo com outras entidades. Elaborar planilhas e cronogramas que envolvam desde a compra do material até o produto final e transformá-lo em fonte de renda. Planejar as ações do grupo. Observar a organização de outros grupos similares. Estabelecer metas que sejam importantes para o empreendimento, mediante pesquisa de dados.
O que tem dificuldade para fazer em um grupo de produção de artesanato? Expressar emoções e sentimentos em relação às pessoas, apesar de ter afeto por elas. Considerar aspectos emocionais deficientes em alguns membros do grupo ou ausências justificadas por acontecimentos da vida pessoal, quando possuem metas a cumprir.

### Função sentimento

Pessoas da função sentimento têm boa capacidade de análise e, normalmente, se preocupam com o bem-estar daqueles que os cercam. Têm um bom julgamento das virtudes e defeitos das pessoas, não sendo radicais, mas não necessariamente minimizam os defeitos. São importantes para a harmonização do grupo, mas têm tendência para realizarem diferentes tarefas de forma concomitante e, com isso, podem perder o foco.

### Tipo sentimento introvertido

Características principais: Valoriza os detalhes e apresenta sensibilidade. Embora não se sobressaia no grupo pela sua exposição, é imprescindível pela sua capacidade ética e de valores que muitas vezes não verbaliza, mas a sua postura é imitada pelos demais integrantes. Tem um senso de avaliação muito próprio, independente do que pensa a maioria das pessoas.
Qual a aptidão para atuar em um grupo de produção de artesanato? Promover situações que envolvam interação dos integrantes do grupo. Organizar as reuniões não só do trabalho em si, mas de comemorações do próprio grupo, como aniversários e datas importantes. Recomenda-se que atue na produção, proporcionando um local de interação com espaço para trocarem suas experiências de vida. Expressar verbalmente ou por escrito os procedimentos e objetivos do grupo. Cuidar da organização de tarefas e montagem de cronogramas.
O que tem dificuldade para fazer em um grupo de produção de artesanato? Trabalhar em contato com o meio e outras pessoas fora do grupo. Expressar criatividade e novas formas de empreendimentos.

### Tipo sentimento extrovertido

Características principais: Possui um bom senso de avaliação das pessoas em geral, estabelecendo uma relação adequada com as mesmas. Faz o trabalho ser mais que uma tarefa, mas também o considera como um encontro que pode ser prazeroso. Traz entusiasmo para o grupo e facilidade em adquirir para este a simpatia de outros colaboradores.
Qual a aptidão para atuar em um grupo de produção de artesanato? Promover o “marketing” do grupo, inclusive estabelecendo contatos para situações que envolvam o coletivo. É capaz de agradar as pessoas que mostrem interesse pelo grupo. Proporcionar uma atmosfera de entusiasmo e autoestima para as demais integrantes do mesmo. Ser um entusiasta e motivar o grupo para o cumprimento das metas. Levantar essas relações prazerosas e otimistas nas relações externas com os colaboradores e compradores do produto. Venda do produto e contatos externos.



O que tem dificuldade para fazer em um grupo de produção de artesanato? Ser metódico, organizar planos a serem cumpridos independente das questões emocionais que possam surgir no grupo. Criar metas e organizar uma linha de trabalho com uma abordagem muito mecânica, destituída de emoção. Estar no grupo sem uma atmosfera afetiva agradável, onde possa conversar e trocar ideias.

### Função intuição

A pessoa que possui esse tipo pode ser importante para o empreendedorismo do grupo, pois têm facilidade para sugerir uma inovação, recomendar um nicho de mercado, criar. Porém, são pessoas que podem iniciar um processo e não concluí-lo, devido ao seu processo criativo que produz muitas ideias novas.

### Tipo intuição introvertido

Características principais: Capacidade criativa fundamentada nas próprias ideias. Possui agilidade para colocá-las em prática, tendo pouca preocupação com os detalhes, mas com o prazo de realização. É capaz de perceber tendências coletivas que podem ser sucesso em um futuro próximo. Qual a aptidão para atuar em um grupo de produção de artesanato? Tarefas que envolvam criatividade e rapidez na execução das mesmas. Funções que envolvam criatividade para fazer novas peças que ainda não estão no mercado. Compreender a atmosfera emocional do grupo antes que algo venha a acontecer, muitas vezes evitando conflitos desnecessários. Concluir tarefas que exijam rapidez na produção e prazos.

O que tem dificuldade para fazer em um grupo de produção de artesanato? Participar de ações que envolvam observação de detalhes e cuidado com material, acabamento de peças e checagem de gastos. Lidar com o concreto, como contas ou relato de fatos, pois terá sempre um olhar mais subjetivo e menos concreto.

### Tipo intuição extrovertido

Características principais: Capacidade criativa e empreendedora, com foco para produzir e comercializar novas invenções. Facilidade em iniciar vários projetos novos

Qual a aptidão para atuar em um grupo de produção de artesanato? Criar novas tendências, além de colocá-las em prática. Arriscar-se em empreendimentos seguindo sinais da sua intuição. Iniciar novos projetos e colocá-los em prática rapidamente. Criação de novas peças e comercialização das mesmas.

O que tem dificuldade para fazer em um grupo de produção de artesanato? Ficar parado, sem contato com pessoas e sem iniciar suas ideias criativas. Ser detalhista na execução de seu próprio projeto. Dar continuidade às ideias que projetou inicialmente. É bom para iniciar projetos, mas sua dificuldade está em mantê-los. Estar atento a detalhes ou assumir tarefas que exijam organização e capricho.

### Função sensação

Pessoas do tipo sensação são observadoras e detalhistas. Preocupam-se com fatos concretos, como se os “fotografassem”, tal a exatidão com que os descrevem. Em um grupo que se dedica a uma atividade econômica, têm grande capacidade de controle da disponibilidade de material e para manter as tarefas do cotidiano sob controle e capricho.

### Tipo sensação introvertido

Características principais: Lida muito bem com o concreto, é lento na sua percepção porque fica muito atento aos detalhes retratando o que está no ambiente. É muito observador e capaz de reproduzir detalhadamente sua percepção de um fato ou pessoa.
Qual a aptidão para atuar em um grupo de produção de artesanato? Observar detalhes de uma peça que pode ser produzida. Cuidar de detalhes da montagem de um objeto e do acabamento do mesmo. Fazer as atas de reuniões, assim como fazer o registro de reuniões externas que o grupo participe. Copiar modelos que precisam ser seguidos com precisão. Realizar finos acabamentos com detalhes, escolher material. Anotar procedimentos e ações do grupo com muita objetividade na descrição e riqueza de informações.
O que tem mais dificuldade para fazer em um grupo de produção de artesanato? Relacionar-se com o meio e outras pessoas fora do grupo. Ter criatividade e elaborar novas formas de empreendimentos.

### *Tipo sensação extrovertido*

Características principais: Senso objetivo dos fatos, descritivo, caprichoso nas tarefas, detalhista. Capaz de lembrar a presença de pessoas nas reuniões e o conteúdo do que foi tratado. Capacidade de relacionar-se com pessoas fora do grupo e de reproduzir de forma fiel observações que foram feitas externamente.
Qual a aptidão para atuar em um grupo de produção de artesanato? Realizar tarefas que envolvam detalhes, acabamento mais cuidadoso, senso de estética e organização. Retratar o que foi observado externamente em outras situações além do grupo. Fazer o acabamento das peças que exijam cuidado e detalhes a serem observados. Escolher material, cores adequadas para o tipo de produto a ser elaborado. Fazer a montagem final da peça.
O que tem menos aptidão para fazer em um grupo de produção de artesanato? Criar modelos de artesanato, inovar com ideias para o mercado, agilizar a produção.

## **4 | METODOLOGIA**

Foram realizadas ações entre 2007 e 2011, com maior concentração após 2009, devido à disponibilização de recursos financeiros pelo CNPq, que foram tipificadas de duas formas: “Formação, Organização e Gestão” e “Logística e Comercialização”. Como representado no Quadro 1, no primeiro tipo estão agrupadas as ações voltadas ao fortalecimento dos talentos e capacidade de organização e gestão das artesãs. No segundo, foram consideradas as ações relacionadas ao mercado consumidor e à logística de produção. A organização e operacionalização das atividades foram feitas pelo poder público e artesãs de forma compartilhada. As instituições dos profissionais que atuaram foram citadas no quadro com o objetivo de mostrar a rede de apoio que se formou para apoiar o projeto.

	Objetivo	Atividade realizada	Realização
Formação, organização e gestão	Perfil socioeconômico, objetivos e anseios de cada artesã	Entrevistas estruturada e semiestruturada	Bolsista do CNPq/CATI
	Aperfeiçoamento técnico	Curso para trabalhar em tear e elaboração de pequenas peças	Artesã – profissional liberal
		Cursos para elaboração de papel artesanal e produção de novas peças	Profissional liberal
		Palestra sobre controle de fungos	ESALQ/USP
		Palestra sobre organização do grupo de artesãs de Rio Grande da Serra	Profissional liberal
		Excursão a Rio Grande da Serra para estabelecer trocas com outro grupo de artesãs	CATI
	Gestão do negócio	Curso sobre elaboração de projetos	Ministério do Desenvolvimento Agrário
		Curso de políticas públicas para mulheres	Ministério do Desenvolvimento Agrário
		Oficina para definir a missão do grupo	CATI
	Organização	Reuniões semanais para organização de atividades e discussão sobre princípios e valores da economia solidária	Bolsistas do CNPq
		Palestra sobre associativismo e cooperativismo	Instituto de Cooperativismo e Associativismo
		Fundação da Associação de Mulheres Artesãs da Área Rural de Mongaguá	Bolsistas do CNPq e CATI, respectivamente
	Relações interpessoais	Oficina sobre tipos psicológicos de Jung	Profissional liberal
		Palestra sobre elaboração de planos de desenvolvimento pessoal e melhoria do ambiente emocional	CATI
	Logística e comercialização	Apoio logístico	Local de trabalho e alimentação
Pesquisa de mercado participativa		Visita a possíveis compradores e aplicação de questionário	CATI
Comercialização		Participação em 17 feiras, cessão de um quiosque pela Prefeitura Municipal de Mongaguá para comercialização	Bolsistas do CNPq, Prefeitura Municipal de Mongaguá, CATI, Ministério do Desenvolvimento Agrário

Quadro 1. Ações de apoio à construção do grupo de artesãs Oficina de Fibra - Mongaguá/SP

Estudou-se no início do projeto o perfil socioeconômico das dez mulheres que integravam o grupo por meio de uma entrevista estruturada. Os efeitos do projeto nas vidas de cada uma, assim como os seus anseios, foram identificados com a realização de entrevista semiestruturada após três anos de trabalho. Os procedimentos das entrevistas foram fundamentados em Minayo (2000).

Em relação às atividades de formação, as ações combinaram diferentes

metodologias de extensão: como palestra, excursão técnica, curso, reunião, oficina. As atividades de formação relacionadas com aspectos técnicos da produção de artesanato, organizacionais do empreendimento, comerciais, princípios e valores da economia solidária ou para atuar em rede, foram definidas de forma participativa, sendo resultado da visão compartilhada entre extensionistas e artesãs.

Quanto aos referenciais teóricos adotados com o objetivo de viabilizar o grupo, foram realizadas as seguintes atividades. A sociologia da tradução foi explicada às artesãs em exposição teórica. A cada passo dado para o fortalecimento da rede, manutenção da sua vigilância, transparência ou objetivando a sua expansão, analisava-se coletivamente o contexto e definiam-se as ações vinculadas à teoria. Quanto aos tipos psicológicos de Jung, foi realizada uma oficina sobre o tema por uma psicóloga junguiana. O evento teve o objetivo de apresentar a teoria e aplicá-la de forma que as próprias artesãs se autotipificassem, com a validação mútua. Posteriormente, a psicóloga analisou o grupo sob a ótica dos tipos psicológicos existentes.

Os tipos psicológicos foram explicados em linguagem simples com exemplos para que houvesse assimilação da teoria. As características dos tipos foram recordadas no momento em que as artesãs se autoavaliavam. Cada participante explicava os motivos que a fizera concluir sobre o seu tipo psicológico. Posteriormente, o grupo participava aprovando ou não o parecer de cada membro sobre seu tipo. Esse procedimento permitiu que as artesãs visualisassem o que aprenderam, na prática, observando a dinâmica instalada no grupo e as possíveis formas de se ter uma organização mais adequada. Trata-se de uma reflexão para ter uma reorganização dos papéis de cada uma, em uma primeira etapa de aplicação do referencial teórico. Na medida em que as deficiências de cada tipo eram explicadas, as artesãs compreendiam os motivos de uma falha de si mesma e de outra integrante em determinadas atividades do grupo.

A pesquisa de mercado participativa foi realizada em Santos/SP, 40 km de distância de Mongaguá/SP, com o objetivo de promover um melhor conhecimento das relações de mercado às artesãs, que passam grande parte do seu tempo na área rural sem contato com o mercado consumidor localizado em uma cidade de maior porte, e avaliar a aceitação dos produtos que elaboravam. As artesãs foram distribuídas em três grupos e cada um visitou seis estabelecimentos escolhidos de forma aleatória, em um total de 18. Durante a visita, havia a apresentação do grupo e de alguns produtos, assim como explicação de se tratar de um empreendimento econômico solidário. A metodologia adotada é fundamentada em Dayan (2004).

## 5 | RESULTADOS

A trajetória do grupo de mulheres artesãs do bairro rural da Água Branca/Mongaguá foi periodizada de acordo com o seu estágio de desenvolvimento, considerando aspectos do aperfeiçoamento técnico para a elaboração de artesanato, capacidade de

organização e autogestão. Assim, foi detectada a ocorrência de dois períodos, sendo: 2006 a 2008 e 2009 a 2011. O primeiro período se caracteriza pelos primeiros contatos das artesãs com a atividade de artesanato em fibra de bananeira. O segundo período, pelo início das ações do projeto financiado com recursos do CNPq, quando ocorreu a consolidação do grupo, iniciativas de acesso ao mercado, criação da Associação de Mulheres Artesãs da Área Rural de Mongaguá, aprofundamento da abordagem dos valores e princípios da economia solidária em reuniões e conhecimento dos tipos psicológicos de Jung.

### **5.1 De 2006 a 2008: o contato com a artesanato em fibra de bananeira**

Um grupo de mulheres do bairro rural da Água Branca de Mongaguá/SP teve conhecimento de que a 94km de distância, no município de Miracatu/SP, havia o desenvolvimento da artesanato em fibra de bananeira. Esse fato despertou o interesse para produção desse tipo de artesanato como fonte de renda.

Em 2006, extensionistas da CATI e da Prefeitura Municipal de Mongaguá, por meio do Programa Estadual de Microbacias Hidrográficas, organizaram em parceria com a Associação Rural da Água Branca, uma reunião/consulta nessa comunidade para elaboração da programação de cursos de capacitação que seriam realizados naquele ano. O curso que teve o maior número de solicitações foi o de artesanato em fibra de bananeira. Porém, devido a dificuldades de conciliar a contratação de um instrutor com a disponibilização de recursos, somente em 2007 foi organizado um curso em que uma artesã de Miracatu foi a instrutora. A fibra de bananeira para elaboração de artesanato foi adquirida naquele município, pois as mulheres do bairro da Água Branca não tinham conhecimento de como produzi-la. O resultado foi o aprendizado do manuseio do tear e produção de bijuterias. Os conhecimentos adquiridos ainda não eram suficientes para se ter produtos de boa qualidade que pudessem ser comercializados.

Devido à proximidade estabelecida com as artesãs de Miracatu/SP, houve um convite dirigido à presidente da Associação Rural da Água Branca para que as mulheres deste bairro fizessem um curso de produção de papel artesanal naquele município. Assim, com recursos da associação três pessoas participaram do evento. O contato das mulheres da Água Branca com a artesanato em fibra de bananeira era crescente. No seio da referida associação, com destaque para a participação das mulheres do bairro, foi apresentado ao CNPq a proposta de financiamento do projeto denominado “Adaptação de tecnologias para o desenvolvimento socioeconômico da microbacia da Água Branca, Mongaguá/SP: valorização do conhecimento e dos recursos locais, geração de renda, participação e sustentabilidade”. O apoio à formação de um grupo de artesãs no bairro estava contemplado na proposta, que incluía ainda a domesticação de uma espécie de peixe de ocorrência local, o incentivo ao cultivo de plantas medicinais e o desenvolvimento do turismo de base comunitária. Enfim, a unidade de trabalho

seria a microbacia com organização sob os princípios da economia solidária.

Porém, antes que a resposta à proposta apresentada ao CNPq ocorresse, se deu uma desmobilização das iniciativas em curso devido a dois fatores: a presidente da associação que liderava o processo teve um problema de saúde e o marido de uma das integrantes, que também emergia como liderança, foi vítima de latrocínio, fato que se deu no pesque-pague da família localizado no bairro rural. Para agravar o quadro, o extensionista da Prefeitura Municipal de Mongaguá que atuava no local, não tinha o perfil para trabalhar com mulheres que queriam se dedicar à produção de artesanato, nem de ser o tradutor do processo de construção de uma rede sociotécnica que viabilizasse o grupo.

Nesse contexto, em que o desânimo afetava as mulheres, houve aprovação da proposta apresentada ao CNPq. Assim, havia uma possibilidade concreta para retomar os trabalhos com recursos humanos - bolsistas- e financeiros suficientes para o desenvolvimento do projeto. Além disso, havia mudanças na direção da Prefeitura Municipal de Mongaguá como resultado das eleições de 2008. Os dirigentes que assumiram em 2009 anunciaram apoiar integralmente o projeto financiado pelo CNPq. Assim, um novo cenário estava em construção. O Quadro 2 representa os principais eventos e seus efeitos do primeiro período da trajetória do grupo das artesãs.

Ano	Evento	Efeito
2006	Elaboração do plano de cursos pelo Programa Estadual de Microbacias Hidrográficas da CATI	Conhecimento por parte da CATI das prioridades de capacitação, com destaque para a artesanaria em fibra de bananeira
2007	Curso de produção de artesanato com instrutora de Miracatu	Início do processo de capacitação das mulheres em artesanaria
2008	Participação em curso de produção de papel artesanal em Miracatu	Aumento da proximidade com as artesãs de Miracatu e capacitação
	Elaboração do projeto apresentado ao CNPq	Mobilização e otimismo
	Doença da presidente da Associação Rural da Água Branca	Desmobilização do grupo
	Latrocínio tendo como vítima o marido de uma liderança do bairro	Desmobilização do grupo
	Aprovação do projeto submetido ao CNPq	Cenário propício para o reinício da mobilização
	Eleição para a prefeitura de um grupo que apoiou o projeto integralmente	Segurança para retomar as iniciativas

Quadro 2. Principais eventos e seus efeitos no primeiro período da trajetória do grupo de artesãs do bairro rural da Água Branca

## 5.2 De 2009 a 2011: construção da rede sociotécnica da Oficina de Fibra

### 5.2.1 Reagrupar as artesãs: a tradução como forma de superação

Como forma de superação da perda do marido, vítima de latrocínio, e por acreditar



na artesanaria como atividade de geração de renda, uma das integrantes do grupo se lançou na tarefa de reagrupar as mulheres que tinham participado das primeiras atividades de aprendizado de produção de artesanato e de outras que poderiam aderir. A reconstrução do grupo foi resultado da primeira operação de tradução, que tinha como objetivo **a produção de artesanato utilizando fibra de bananeira como matéria prima e que o sistema de produção fosse coletivo**. Essa ideia foi o ponto de passagem obrigatório para a efetivação do reagrupamento. Assim, foram retomadas as reuniões e os preparativos para o início da produção em um galpão cedido pela prefeitura na área rural do bairro da Água Branca. Aquelas mulheres não tinham ciência, ainda, de que iniciavam uma experiência fundamentada nos preceitos da economia solidária, mas a forma de organização da atividade econômica que propunham fundamentava-se em princípios de cooperação, autonomia e gestão democrática (Laville e Gaiger, 2009; Guérin, 2005; França Filho e Laville, 2004). Além da ação da integrante do grupo como tradutora do processo, a proximidade existente entre as pessoas que habitavam aquele território, como efeito do fato de integrarem uma rede social local, também jogava um papel que facilitava a união (Torre e Filippi, 2005). A proximidade geográfica foi ativada e passou a se construir a proximidade organizacional, segundo a tipologia de proximidades elaborada por Torre e Beuret (2012).

### *5.2.2 A construção da Oficina de Fibra: a segunda tradução*

Uma extensionista, bolsista do CNPq, foi destacada para acompanhar o grupo de artesãs com a missão de apoiá-lo na elaboração e direcionamento das demandas, assim como no atendimento das necessidades de aperfeiçoamento técnico e organizacional. Assim, uma nova operação de tradução se iniciava sendo os extensionistas os tradutores de construção de uma rede que viabilizasse a ideia de se produzir artesanato com um subproduto da agricultura e que as relações de cooperação e reciprocidade entre as artesãs fossem consolidadas. Em decorrência do processo de tradução, foi realizado um conjunto de ações de formação das artesãs. Fez-se excursão a Rio Grande da Serra/SP para conhecimento de outro grupo de mulheres que atuava com artesanaria em fibra de bananeira, ministraram-se cursos de produção de papel artesanal e *design*, elaboração de projetos e políticas públicas para mulheres. Foram realizadas oficinas para a definição da missão do grupo, promoveu-se palestras sobre relações interpessoais, controle de fungos na fibra e associativismo. Diferentes profissionais vinculados ao poder público foram mobilizados para apoiar o grupo de mulheres e integrar a rede sociotécnica que se formava. Assim, extensionistas da CATI da Baixada Santista e da Divisão de Extensão Rural - sediada em Campinas - da Prefeitura Municipal de Mongaguá, bolsistas do CNPq, integrantes do Ministério do Desenvolvimento Agrário, da Universidade de São Paulo e do Instituto de Cooperativismo e Associativismo, órgão da Secretaria Estadual



de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, concentravam esforços para disponibilizar conhecimentos de diferentes áreas para as artesãs. Reuniões semanais eram realizadas para planejar atividades e resolver por meio do diálogo eventuais divergências entre as artesãs, tendo uma extensionista como mediadora. Essas reuniões funcionavam como os intermediários do processo de tradução, visto que cimentavam a rede com a troca de informações e experiências. Além disso, tratava-se de um espaço de vigilância, onde se valorizava a transparência dos atos e das ações.

Com o objetivo de enfrentar o desafio da inserção no mercado, o grupo foi batizado pelas artesãs com o nome “Oficina de Fibra” para atingir consumidores conscientes. Com o apoio dos extensionistas, foi elaborado um logotipo. A comercialização dos produtos se deu inicialmente no próprio local, para pessoas que tiveram conhecimento do grupo e, posteriormente, também com apoio dos extensionistas, em 17 feiras de diferentes municípios e Estados, organizadas para promover produtos da agricultura familiar ou da economia solidária.

Assim, a rede sociotécnica que portava a Oficina de Fibra já tinha uma configuração. O ponto de passagem obrigatório era a **geração de renda por meio da produção de artesanato sob os preceitos da economia solidária no Bairro Rural da Água Branca**. Os extensionistas da CATI e bolsistas do CNPq traduziram diferentes profissionais para que integrassem a rede. A mobilização existente no bairro rural da Água Branca tornou-se uma oportunidade para eles, pois a presença de um grupo de mulheres com objetivos definidos quanto à atividade e à forma de organização para a geração de renda, assim como a presença de extensionistas locais integrando esse processo, garantiam condições propícias para que pudessem desenvolver os seus trabalhos. Profissionais da prefeitura de Mongaguá também entenderam ser uma boa oportunidade a disponibilização de apoio logístico às artesãs, cedendo o espaço para a produção de artesanato e alimentação durante os dias de trabalho. Assim, contribuíam com o processo de criação de um empreendimento econômico solidário no município. Havia o objetivo que esse apoio fosse gradativamente retirado, na medida em que as artesãs se fortalecessem economicamente e tivessem infraestrutura própria.

A Figura 2 mostra as artesãs e os diferentes atores que integram a rede sociotécnica com os seus deslocamentos para o ponto de passagem obrigatório, frente às dificuldades que normalmente enfrentam para integrarem uma rede de desenvolvimento local. Assim, na medida em que cada um dos atores atingia o seu objetivo, criava condições para que os outros atores também atingissem os seus objetivos. A rede sociotécnica é o resultado da cooperação.

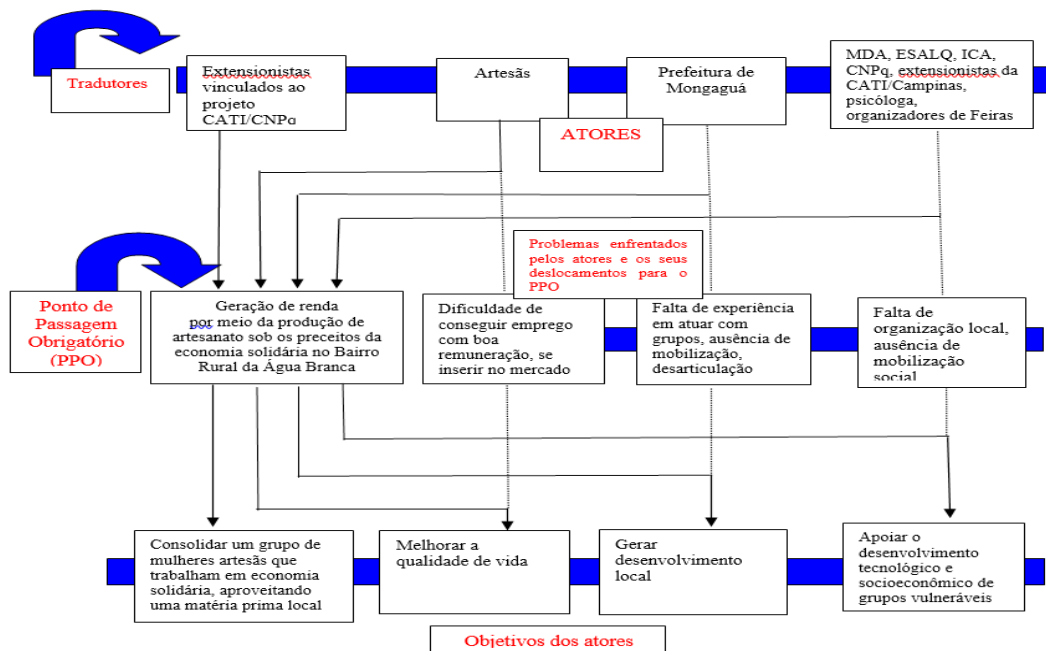


Figura 2. Representação da rede sociotécnica do grupo de artesãs do bairro rural da Água Branca – Mongaguá/SP

Em fevereiro de 2010, o grupo de artesãs recebeu da Fundação Banco do Brasil o reconhecimento de utilização de tecnologia social reaplicável<sup>3</sup> e as integrantes do grupo foram cadastradas como artesãs pela Superintendência do Trabalho Artesanal nas Comunidades (SUTACO), órgão da Secretaria do Emprego e das Relações do Trabalho do Estado de São Paulo, após avaliação do trabalho por uma comissão técnica do órgão. Além disso, houve a divulgação do trabalho do grupo na mídia impressa e televisiva. Nesse segundo período da sua trajetória, apesar de experimentar expressiva evolução com a construção da rede sociotécnica, a Oficina de Fibras ainda se encontrava vinculada à Associação Rural da Água Branca, não tendo sido construída uma entidade que representasse especificamente as artesãs. A necessidade de se criar uma associação própria emergiu no grupo, mas não se estabeleceu como consenso, pois três integrantes da Oficina de Fibras entendiam que se deveria manter o vínculo com a Associação Rural da Água Branca, então presidida pelo marido de uma das artesãs. Assim, se estabeleceu uma controvérsia de caráter organizacional, mas eivada de fatores pessoais. A finalização da controvérsia se deu com a criação, em junho de 2010, da Associação das Mulheres Artesãs da Área Rural de Mongaguá – Oficina de Fibras. Assim, formalizou-se o papel de porta-voz do grupo na figura da presidente da referida entidade.

Havia, porém, dois problemas a serem superados: o grupo não tinha um canal de comercialização consolidado, limitando as vendas às feiras e a encomendas recebidas, que não eram significativas. Além disso, deveria haver uma maior harmonização nas relações cotidianas entre as artesãs, principalmente após experimentarem a

3- Caracteriza-se pela ação coletiva de produtores sobre os meios de produção, ação também coletiva sobre os processos de trabalho, cooperação voluntária e interação com a comunidade, representando soluções de transformações sociais (Dagnino, 2009).

participação em uma controvérsia de grande intensidade: criar ou não a associação. Assim, foram organizadas duas atividades: uma pesquisa de mercado participativa, com as próprias artesãs entrevistando comerciantes, e uma oficina sobre os tipos psicológicos de Jung.

### 5.2.3 Pesquisa de mercado participativa

Houve cinco interessados em comprar os produtos das artesãs e foi realizado negócio somente com um interessado, que adquiriu agendas em consignação. Em reunião de avaliação com as artesãs, foram tirados os seguintes ensinamentos dessa experiência:

- Havia a necessidade de o grupo ter uma representante de vendas especializada, que fizesse somente esse tipo de trabalho.

- Os produtos que elaboravam tinham potencial de mercado.

- Havia a necessidade de se especializarem em um ou dois produtos com produção em escala para atenderem alguns estabelecimentos. Além disso, se continuaria com a comercialização de artesanato em feiras, principalmente para dar visibilidade ao grupo, assim como com a comercialização para visitantes do bairro onde trabalham e moram, a Água Branca.

- Deveria-se melhorar a infraestrutura de produção e comercialização, incluindo a aquisição de um veículo próprio e um quiosque na orla da praia, para aproveitar, principalmente, o mercado consumidor representado pelos turistas.

Apesar dos ensinamentos descritos, que propõem a profissionalização da Oficina de Fibra e são típicos de produtores que querem acessar o mercado, havia dificuldade de colocá-los em prática de imediato devido ao fato de as integrantes do grupo terem limitações como: falta de recursos financeiros para realizarem deslocamentos, vínculos familiares e falta de experiência nas relações comerciais. Assim, a Prefeitura Municipal de Mongaguá deveria se inserir na rede disponibilizando não somente nos aspectos relacionados à logística de produção, mas também de comercialização. A cessão de um quiosque na orla da praia, portanto próximo ao local de moradia das artesãs, seria um passo importante para a comercialização para turistas, estabelecimento de contatos e formação das integrantes para se relacionarem com o mercado. Esse tipo de apoio seria decisivo para a estabilidade da rede sociotécnica da Oficina de Fibra. Dessa forma, em agosto de 2011, a Prefeitura Municipal de Mongaguá cedeu para as artesãs um quiosque que estava vago na orla da praia, no bairro Agenor de Campos.

Ainda em 2011, uma nova oportunidade de comercialização foi criada para a Oficina de Fibra. Houve a implantação de um projeto de turismo de base comunitária denominado Turismo Rural Pedagógico no bairro rural da Água Branca. O circuito era compreendido por uma trilha na Mata Atlântica, visita a uma Farmácia Viva com exposição sobre as características das plantas medicinais, conhecimento dos viveiros e laboratório utilizados para propagação de uma espécie de peixe local, *Deuterodon*

*iguape*, e demonstração pelas artesãs da Oficina de Fibra do processo produção de papel artesanal e relato da história do grupo e características de organização. Assim, os turistas poderiam verificar na prática os conceitos de sustentabilidade e economia solidária.

#### 5.2.4 Oficina tipos psicológicos de Jung

A Figura 3 apresenta os tipos psicológicos das dez artesãs da Oficina de fibra, de acordo com o resultado da oficina realizada em 2004.

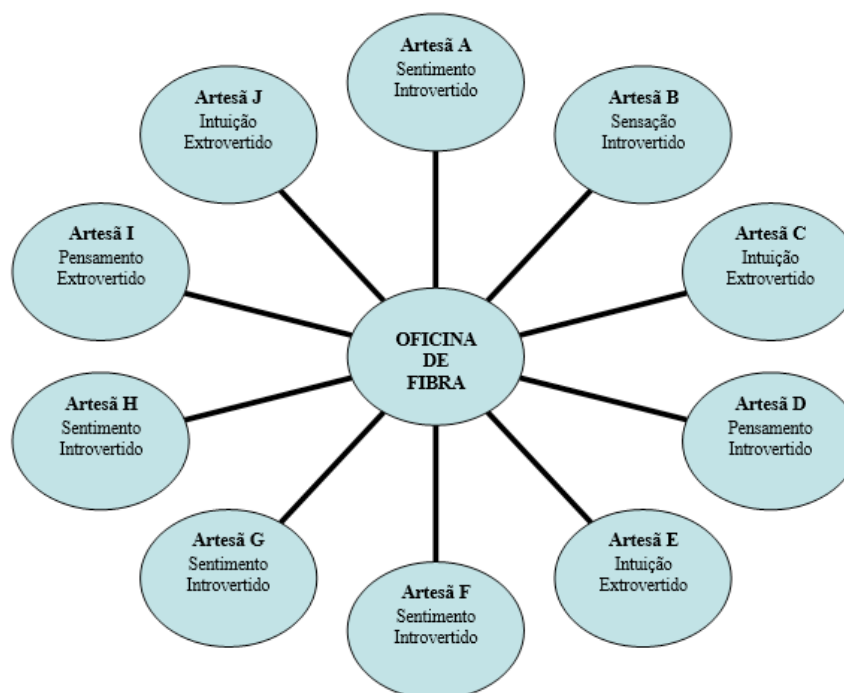


Figura 3. Tipos psicológicos das artesãs da Oficina de Fibra

Como se pode verificar, há todas as funções e atitudes dos tipos psicológicos no grupo. Nesse sentido, pode-se sugerir que a Oficina de Fibra apresenta várias potencialidades importantes e necessárias para o seu bom funcionamento. Porém, a diversidade também traz diferenças devido às especificidades do funcionamento psicológico de cada uma das integrantes, sendo necessário administrar os conflitos que emergem da incompreensão da forma de agir do outro.

Quando se aborda desenvolvimento de equipe, tem-se que pensar nas potencialidades que favorecem um indivíduo em fazer com mais facilidade determinada ação no grupo, por ter habilidades que favorecem a tarefa a ser executada. Nesse sentido, o fato de conhecer as características do seu próprio tipo psicológico e os das outras integrantes, facilita a integração e compreensão do seu funcionamento no mundo e na forma de interagir com as demais integrantes desse grupo e fora dele, em situações externas. Por outro lado, na tipologia junguiana, aprender a lidar com a função inferior é tão importante quanto conhecer as melhores habilidades, pois há o

reconhecimento das dificuldades intrínsecas de cada indivíduo. Assim, na distribuição dos trabalhos pode-se evitar atribuir a determinada integrante uma tarefa em que tenha menos habilidade para execução. Isso não significa que a integrante não deva ser estimulada a desenvolver-se para aprender também com as suas deficiências. Segundo Byington (1995), o fato de todas as funções serem complementares as torna importantes na totalidade. Ou seja, precisa-se de todas as funções e todas têm igual importância, nenhuma é melhor que a outra. Apenas tem-se uma como principal, por funcionarmos no mundo melhor com ela, mas todas são necessárias para vivermos.

Pode-se pensar na Oficina de Fibra em termos de uma tipologia ideal, considerando cada atividade exercida. Assim, segue abaixo a descrição de cada fase do processo de trabalho das artesãs e os tipos que seriam mais favoráveis para a execução de cada uma delas.

**Produção de papel:** Exige ações rápidas para ter material disponível para comercialização direta do papel artesanal, ou a sua utilização para a elaboração de artesanato pelas outras integrantes. Assim, seria importante contar com quatro tipos para execução dessa tarefa. Aqueles recomendados são os intuitivos, introvertidos ou extrovertidos, que têm uma ação mais rápida e impulsiva, sendo menos atentos aos detalhes e mais aptos a concluir a tarefa em menor tempo. O pensamento introvertido também é recomendado, pois sempre ajuda a manter o processo com foco, não deixando que se distraia com outras situações. Além desses, o sentimento introvertido pode trazer uma atmosfera agradável e afetuosa na execução da tarefa.

**Elaboração do artesanato:** O tipo sensorial, tanto extrovertido como introvertido são recomendáveis, devido ao seu olhar detalhista, sua paciência na execução e conclusão de tarefas que exijam cuidado no manuseio, pintura e montagem.

**Planejamento de reuniões:** Os tipos pensamento introvertido ou extrovertido se sairiam bem, pois têm capacidade de organizar, estabelecer metas e nomear temas essenciais para discussão com maior facilidade.

**Elaboração de atas:** O pensamento introvertido seria um bom colaborador, por ter foco e ser organizado no agrupamento de temas. Porém, o tipo sensação introvertido poderia relatar com detalhes como foi de fato a reunião.

**Tesouraria:** Os tipos sensoriais, introvertido e extrovertido, são os mais adequados para essa tarefa por serem mais organizados e se relacionarem melhor com o que é concreto, no caso gastos e orçamentos.

**Controle e compra de material:** O pensamento extrovertido ajudaria no controle, no sentido de identificar o que é primordial para a elaboração de determinado produto e o que pode ser supérfluo, considerando o orçamento. Já, o tipo sentimento extrovertido, é recomendável para contato e trato com o mundo externo, devido à sua facilidade de relacionar-se e estabelecer novos vínculos e obter informações.

**Plano de metas de produção:** O pensamento extrovertido é adequado para planejar e agrupar metas que possam abranger os desejos do grupo de forma objetiva. O intuitivo extrovertido sempre está com o olhar para o futuro, sendo um empreendedor,

pensando em soluções criativas e descobrindo tendências que estão por vir.

**Aprimoramento das técnicas:** Considerando as atitudes ou novas ideias, tem-se que contar com o lado criativo e inspirado do intuitivo introvertido, porém o tipo sensação introvertido também será capaz de copiar modelos que já deram certo e colocar em prática as idéias do intuitivo. Ambos parecem importantes nessa fase do processo.

**Pesquisa e elaboração de novas peças:** Como se trata de trabalho com características externas, uma pessoa extrovertida será sempre indicada para a sua realização. Se for um pensamento, será útil para que não se perca tempo na pesquisa, destacando os principais lugares onde realmente seja importante o grupo visitar para adquirir novas ideias e organizar os registros que foram feitos. Porém, o tipo intuitivo extrovertido terá um olhar criativo e empreendedor para a elaboração de novas peças, assim como para os locais onde poderão ser comercializadas com sucesso. O tipo sensação extrovertido poderá ver modelos e reproduzi-los com exatidão, pois provavelmente estará atento aos detalhes do feito, como por exemplo, o tipo de material usado e a forma como foi executado o acabamento da peça.

**Pesquisa de mercado:** O tipo sentimento extrovertido será útil para os contatos externos, pois é o que mais facilidade tem para relacionar-se com os outros e sentir suas necessidades. O pensamento extrovertido poderá facilitar a pesquisa, selecionando os locais onde se concentram o maior número de pessoas que tenham interesse em determinado tipo de produto, devido à sua capacidade analítica e de síntese.

**Participação em feiras:** Os extrovertidos em geral são bons para situações como essa. O tipo sentimento extrovertido devido à sua facilidade nos contatos é um dos mais indicados. O tipo sensação extrovertido é importante nessa atividade por saber explicar em detalhes aos compradores como o artesanato foi elaborado. O tipo intuitivo extrovertido também é recomendado por ser um bom empreendedor e por ter facilidade de fazer contatos futuros e ter impulsividade e rapidez para trocas com o coletivo.

**Contatos com compradores:** Os tipos pensamento extrovertido e sensação extrovertido são aqueles que mais se adequam ao mundo dos negócios, por serem objetivos e práticos para combinar a facilidade de relacionamento com o coletivo e realização de serviços burocráticos, no que se refere à organização.

**Harmonização do grupo, valorização das qualidades e estímulo na solidariedade e confiança:** Esses três itens pertencem ao universo da função sentimento, tanto no introvertido como no extrovertido. Ambos os tipos são capazes de ter empatia, que é a capacidade de colocar-se no lugar do outro e estabelecer uma atmosfera afetiva agradável.

**Relações com o poder público:** O pensamento extrovertido será capaz de articular ações e sintetizar as prioridades e objetivos do grupo, bem como explicitar a relevância do mesmo para o poder público. O intuitivo extrovertido poderá realizar empreendimentos a partir de ideias criativas e elaborar sugestões para o futuro do



grupo. O tipo sensorial extrovertido poderá cuidar de aspectos burocráticos que necessitam ser efetuados para se relacionar com agentes públicos e expandir o grupo para a coletividade.

**Contato com outros grupos:** Pode ser feito melhor pelos tipos sentimento, tanto introvertido como extrovertido, pois ambos são capazes de estabelecimento de novos contatos e de integração do próprio grupo. Os tipos pensamento extrovertido e introvertido também seriam úteis na organização desses contatos e estabelecimento de prioridade dos mesmos em relação ao próprio grupo. O intuitivo extrovertido poderá elaborar projetos e sugestões a partir de ideias criativas de trabalho conjunto.

Enfatiza-se, porém, que independentemente do tipo psicológico, todas as pessoas podem ser capacitadas para executar as diferentes tarefas do processo de produção e organização de trabalho das artesãs. Porém, procurou-se destacar, com base no conhecimento da tipologia, quais deles seriam mais apropriados para o tipo de ação considerada.

No Quadro 3 relaciona-se os tipos psicológicos das artesãs com as atividades – legenda ao final do quadro - realizadas por cada uma. Posteriormente, faz-se uma avaliação do grupo sob esta ótica.

	Atividades	Tipos psicológico recomendados	Nº de tipos psicológicos no grupo
Produção	Produção de papel	PI, SI, II, IE	PI, SSI, SI, Eventualmente ajudam: SI, SI
	Elaboração de artesanato	SSI e SSE	IE, PE, SI, SI, SI, IE, IE
Organização	Planejamento das reuniões	PI	IE
	Elaboração de atas	PI, SSI	II
	Tesouraria	SSI e SSE	PE e IE
	Controle e compra de material	PE e SE	IE e IE
	Plano de metas de produção	PE e IE	IE e PE
Criatividade	Aprimoramento das técnicas	II e SSI	IE, IE, PE, IE
	Pesquisa e elaboração de novas peças	PE, SE, IE e SSE	PI, IE e IE
Comercialização	Pesquisa de mercado	SE e PE	Foi realizada uma vez por todas as artesãs
	Participação em feiras	SE, SSE, IE	IE, IE e PE
	Contatos com compradores	SE, PE	IE
Fortalecimento interno	Harmonização do grupo	SI e SE	SI e IE
	Valorização das qualidades de cada uma	SE e SI	SI e IE
	Estimula a solidariedade e confiança no grupo	SE e SI	SI e IE



Relações externas	Com o poder público	PE, SSE e IE	IE
	Contatos com outros grupos/trocas de experiências	SE, SI, PE, PI, IE	IE

Quadro 3. Tipos psicológicos e atividades realizadas pelas artesãs da Oficina de Fibra  
 PI: Pensamento Introverso; PE: Pensamento Extroverso; SI: Sentimento Introverso; SE: Sentimento Extroverso

II: Intuição Introversa; IE: Intuição Extroversa; SSI: Sensação Introversa; SSE: Sensação Extroversa

Analisando-se as atividades necessárias para o bom funcionamento da Oficina de Fibra, de acordo com os tipos psicológicos de cada uma das integrantes que as executam, pode-se sugerir algumas adequações que auxiliariam o grupo a melhor desempenhá-las.

Na produção de papel, por exemplo, não se tem integrantes com a função intuição, o que ajudaria muito na rapidez da execução de tarefas, já que nesse primeiro momento não há necessidade de atenção a detalhes, comparativamente à elaboração do artesanato. Em quase todas as atividades relacionadas com a organização, de acordo com o Quadro 6, deve-se ter atenção, pois nem todos os tipos psicológicos adequados às atividades estão contemplados. Como exemplo, pode-se citar o planejamento de reuniões, que seria interessante um tipo mais organizado que o intuitivo, pois, embora seja empreendedor, pode correr o risco de perder o foco das reuniões ou marcar várias em curto período de tempo, sem uma prévia organização quanto a prioridades. Na elaboração de atas deve-se ter alguém que tenha foco e seja detalhista, como as funções pensamento e sensação. No controle de compras de materiais necessita-se de tipos que tenham foco e facilidade para o estabelecimento de relações, atividade realizada atualmente somente por intuitivos. Na tesouraria, onde um tipo pensamento e um tipo intuitivo atuam, é indicado o sensorial, já que esse último é mais detalhista e atento às questões concretas e fatos objetivos, movimentando gastos com cautela e senso de realidade.

Nas participações em feiras, falta a função sentimento, que é boa para estabelecer contatos, já que facilmente tem empatia com a necessidade do outro e normalmente - em particular o tipo sentimento extroverso - tem facilidade em comunicar-se em grupo. Porém, todas as artesãs que participam das feiras têm atitudes de extroversão, o que é um aspecto positivo. No que se refere ao fortalecimento dos vínculos no próprio grupo e para manter a coesão do mesmo há a atuação do tipo sentimento introverso. Esse fato é favorável, pois as pessoas dos tipos sentimento introverso e sentimento extroverso, atuam para a harmonização do grupo e lembram às demais integrantes que também pode ser uma realização pessoal o trabalho que realizam, além do caráter comercial do mesmo.

Nas outras etapas de trabalho descritas, houve uma boa adequação de tarefas, onde provavelmente o grupo conseguiu manter cada integrante em funções que

ativaram o melhor de sua função e tipo psicológico, favorecendo o desenvolvimento do trabalho. As áreas de conflito ou deficiência do grupo podem ser explicadas por tarefas não muito adequadas para o perfil de cada integrante. Nesse caso uma reorganização do grupo pode favorecer seu funcionamento e desempenho.

## 6 | PERFIL SOCIOECONÔMICO, MOTIVAÇÃO E ANSEIOS DAS ARTESÃS

As informações sobre perfil socioeconômico das artesãs da Oficina de Fibra constam no Quadro 4.

Artesãs/ idade	Origem	Trabalhava antes com artesanaria?	Fontes de renda da família	Quanto espera ganhar com a artesanaria?	Motivação	Escolaridade
Artesã A – 53	Mongaguá – Fazenda Rondônia	Fazia cestas de jornal	Bolsa família, trabalho em pizzaria; 0,57 salário mínimo	1 salário mínimo	Participação no grupo	Fundamental 2 completo
Artesã B - 59	São Miguel Paulista/ SP	Fazia e comercializava no bar	Trabalho em um bar; 1,5 salário mínimo	1 salário mínimo	Pensa e aprende mais, ensina	Fundamental 2 completo
Artesã C - 60	Juquiá/SP	Fazia crochê	Aposentadoria do marido e própria; 2 salários mínimos	1 salário mínimo	Melhorar qualidade de vida	Fundamental 1 completo
Artesã D - 55	Santos/SP	Não	Aposentadoria do marido – 3,5 salários mínimos	0,78 salário mínimo	Prazer de trabalhar em grupo, empenho de todas	Fundamental 1 completo
Artesã E - 60	Agudos/ SP	Sim. Flores artificiais, bordados, pintura em quadros	Variável. Proprietária de um pesqueiro	1,5 salário mínimo	Convivência com as pessoas, pois elas mudam com esse trabalho	Ensino médio completo
Artesã F - 29	Novo Oriente/ MG	Fazia bijouterias e crochê	Caseira em uma chácara; 1,5 salários mínimos	1 salário mínimo	Convivência. A família está longe e a ausência é preenchida no grupo	Fundamental 1 completo
Artesã G -41	Embu das Artes/SP	Pintura de pano de prato	Caseira em uma chácara e funcionária da prefeitura; 1,5 salários mínimos	0,55 salário mínimo	Pelas amizades e pela renda: não é muito, mas ajuda	Fundamental 2 completo
Artesã H - 31	Miracatu/ SP	Não, pois não gostava	Banicultora; 3,5 salários mínimos	1 salário mínimo	A certeza de que o grupo deu certo	Ensino médio completo
Artesã I - 55	Juquiá/SP	Crochê	Trabalhos domésticos; 0,5 salário mínimo	1,17 salário mínimo	Gosto das pessoas do grupo	Fundamental 1 incompleto

Artesã J - 50	São Paulo/SP	Crochê, tricô, bordado, pintura	Trabalhos domésticos; 3,5 salários mínimos	1,5 salário mínimo	O crescimento do grupo	Superior completo
---------------	--------------	---------------------------------	--	--------------------	------------------------	-------------------

Quadro 4. Perfil socioeconômico das artesãs da Oficina de Fibra

As artesãs têm origens diferentes, mas a maioria passou expressiva parte da vida em áreas rurais e/ou cidades de pequeno porte, concluiu a escola básica e não têm renda significativa. Esse fator contribui para que haja identificação entre a maioria das integrantes, o que facilita a coesão social. Duas artesãs que possuíam maior nível de escolaridade e renda deixaram o grupo sob o argumento de não concordarem com as ideias colocadas em prática por decisão majoritária. O envolvimento com o artesanato que tiveram antes da experiência de integrarem a Oficina de Fibra não foi profissional, assim como não tinham participado de grupos de mulheres que atuam juntas para a geração de renda. Esse fato exigiu que fosse proporcionada formação técnica e organizacional para as artesãs. Trata-se de um processo de aprendizado contínuo para a produção do artesanato, trabalho em grupo, formação para a economia solidária, gestão de uma organização e do negócio. Esses aspectos colocam-se como desafio que devem ser superados constantemente frente à necessidade de que haja inovações para que o grupo tenha coesão social e sustentabilidade frente ao mercado. A experiência de produzir artesanato em fibra de bananeira e integrar a Oficina de Fibra foi incorporada à vida de um grupo mulheres que possui idade média de 49,3 anos. Esse fato expressa que se o mercado de trabalho convencional exclui mulheres com os perfis das artesãs, é possível o Estado apoiar atividades produtivas que promovam inclusão socioeconômica e proporcionem convivência e, conseqüentemente, estimulem a criação de capital social.

A necessidade de disputar o mercado consumidor de artesanato com produtos de boa qualidade a preços competitivos e gerir um negócio, desperta as integrantes do grupo para a necessidade de retomarem a educação formal. Esse esforço, que além dos ganhos sociais para cada uma, tem como meta que a Oficina de Fibra tenha uma receita líquida mensal de 10,5 salários mínimos, o que acrescentaria mais um salário mínimo à renda familiar média das integrantes, que é de aproximadamente 2 salários mínimos. Porém, pode-se observar no Quadro 5 que o maior ganho de integrar a Oficina de Fibra é a convivência, o crescimento pessoal que a participação proporciona. Esse aspecto revelado pelas artesãs encontra respaldo nas características dos empreendimentos econômicos solidários como definido por Gaiger (2009), visto que os ganhos extraeconômicos são resultados de uma nova racionalidade produtiva que tem a solidariedade como fundamento de tais empreendimentos. Para o referido autor a eficiência ganha uma conotação mais ampla, pois inclui a qualidade de vida dos trabalhadores e a satisfação de objetivos culturais.

Artesãs	O que mudou na sua vida com a participação no grupo?	O que dificulta a sua participação no grupo?	Ações necessárias para fortalecimento do grupo	O que espera do poder público?	Como o grupo pode contribuir com o desenvolvimento do bairro?
Artesã A - 53 anos	Aprendizado e convivência	Custo do transporte até o local de trabalho	O retorno dos cursos de papel artesanal e design	Ajuda do poder público na comercialização	Poderia ajudar nas áreas reivindicando melhorias na saúde e educação
Artesã B - 59 anos	Convivência, ajudo mais as pessoas	Transporte até o local de trabalho	Mais ensinamento mútuo para melhorar qualidade das peças	Manter o grupo de extensão, de apoio; maior divulgação do trabalho	Mediando as reivindicações da população com a prefeitura
Artesã C - 60 anos	Conhecer e encontrar pessoas	Marido doente e criação do neto	Trabalhar na palha, melhorar comercialização	Melhorar infraestrutura	Apoio e organização de atividades sociais
Artesã D - 55 anos	Relacionamento com as pessoas, passou a se expressar melhor	Ajuda na criação dos netos	Oficinas para aumento da coesão e definição de uma pessoa para comercializar	Prefeitura e CATI continuarem apoiando	Ensinar aos jovens o conhecimento sobre artesanaria
Artesã E - 60 anos	Eu me soltei mais, aparecemos na TV, participamos de cursos. Engrandecimento interior	O trabalho no pesqueiro e problemas de saúde	Comercialização eficiente. Visitar firmas grandes e possíveis clientes em aeroporto	Que a prefeitura disponibilize um espaço decente no centro para comercialização e a CATI não deixe de apoiar	Apoio e organização de atividades sociais
Artesã F - 29 anos	Eu melhorei o jeito de me expressar e vivo um grande aprendizado	Antes o marido não gostava, mas agora se conformou	Melhorar a comercialização para produzir mais	Melhoria da infraestrutura, viabilização de transporte para as feiras	Reivindicar melhorias na saúde e educação
Artesã G - 41 anos	Fiz muitas amigas, hoje eu tenho amigos	Com o trabalho na prefeitura dificulta	Melhorar a comercialização	Transporte para participação em feiras	Como voluntárias na área de educação
Artesã H - 31 anos	Relacionamento com as pessoas. Hoje eu ouço mais, sou mais atenciosa	Não	Planejar a comercialização, buscar nichos e diversificar os produtos	Que a prefeitura legalize o uso do espaço que ocupamos, que a CATI continue a apoiar com transporte, indicação para feiras e presença dos extensionistas	Reivindicando melhorias para a área da educação
Artesã I - 55 anos	Desenvolveu habilidades, ganhou algum dinheiro	Marido doente	Continuidade da união entre as artesãs	Continuar apoio da prefeitura e CATI	Pode contribuir, mas não sabe como
Artesã J - 50 anos	Reconhecimento, faço o que gosto, convivência	Sogra. Não pode deixar sozinha	Continuidade da união, comercialização	Continuar apoio da prefeitura e CATI	Ensinando artesanato para a comunidade

Quadro 5. Mudanças e anseios das artesãs da Oficina de Fibra

Na percepção das integrantes, o principal desafio que a Oficina de Fibra

experimental é o estabelecimento de canais de comercialização mais estáveis, apesar da importância que a participação nas feiras proporciona quanto à comercialização, visibilidade do grupo e oportunidade de trocas com consumidores e outros artesãos. A importância da manutenção dos órgãos governamentais integrando a rede sociotécnica que porta a Oficina de Fibra, assim como a necessidade de consolidar a inserção social do grupo no bairro da Água Branca, são fatores importantes para a consolidação da rede sociotécnica e ampliação da possibilidade de organização de outros grupos de mulheres que atuem em empreendimentos econômicos solidários.

## **7 | PONTOS FORTES E FRACOS DA REDE SOCIOTÉCNICA DA OFICINA DE FIBRA**

Latour (2000) afirma que uma rede sociotécnica é tão forte quanto o seu elo mais fraco. Dessa forma, o conhecimento dos pontos fortes e fracos de uma rede é de fundamental importância para fazer correções de rumo e dar estabilidade à mesma.

A rede sociotécnica da Oficina de Fibra tem como pontos fortes a proximidade geográfica entre a maioria das artesãs e delas com o local de trabalho, pois facilita o estabelecimento de relações e organização do trabalho. A fundação da Associação das Mulheres Artesãs da Área Rural de Mongaguá também se constitui em um ponto forte por ter consolidado a identidade do grupo e promovido a proximidade profissional entre as artesãs. Porém, a proximidade social é um fator determinante para a coesão do grupo.

A abundância da matéria prima, o apoio da Prefeitura Municipal de Mongaguá à logística do processo de produção e de comercialização com a cessão de um quiosque na orla da praia, o assessoramento da CATI ao aperfeiçoamento da organização, das técnicas de produção do artesanato e *design*, assim como a participação do grupo em feiras e no Turismo Rural Pedagógico, também se constituem em pontos fortes da rede. Além disso, é de grande importância que os extensionistas da prefeitura e da CATI apoiem as traduções quando estas existirem e as façam quando não houver um tradutor operando para que o grupo mantenha a sua unidade e atinja os seus objetivos.

O conhecimento dos tipos psicológicos de Jung pelas artesãs e a tipificação de cada integrante por elas mesmas foi importante para harmonizar o grupo, mas necessita-se que a análise dos comportamentos sob a ótica da referida teoria seja uma constante, o que requer que um profissional especializado em psicologia analítica (junguiana) integre a rede sociotécnica. Assim, poder-se-ia criar condições para manter a harmonização entre as artesãs e melhor desenvolver as atividades de produção e comercialização do artesanato de acordo com o tipo psicológico de cada uma das integrantes da Oficina de Fibra. Além disso, se poderia apoiar o desenvolvimento de funções psicológicas pouco desenvolvidas individualmente para melhor realizar tarefas específicas.

Para que as artesãs façam uma boa gestão do negócio e o empreendimento tenha durabilidade, faz-se necessária a retomada dos estudos para se ter melhor formação. Assim, os professores e métodos de ensino também teriam que integrar a rede. Porém, a inexistência de um canal de comercialização fixo era, sem dúvida, o principal ponto fraco da rede sociotécnica, seguido da necessidade de se ter um veículo para transporte de materiais e produtos. O acesso ao mercado proporciona maior estabilidade à rede de um empreendimento solidário econômico. A viabilização pela Prefeitura de Mongaguá de um ponto fixo de comercialização na orla da praia cria condições para capitalizar o grupo e, conseqüentemente, este se tornará menos dependente do apoio logístico proporcionado pela própria prefeitura. Além disso, caso os governantes municipais apoiassem a Oficina de Fibra não somente como atendimento das demandas de um grupo social quanto à logística da produção e comercialização, mas sobretudo como escolha política para o fortalecimento da economia solidária no município, haveria condições para a expansão do modelo de rede sociotécnica da Oficina de Fibra para outros bairros. Dessa forma, a ideia da produção em grupo fundamentada nas relações de confiança e cooperação poderia ser adotada por outros grupos em situação de vulnerabilidade social e, conseqüentemente, fortalecer o desenvolvimento local.

O Quadro 6 apresenta os principais eventos que determinaram a rede sociotécnica da Oficina de Fibra até o mês de agosto de 2011.

Ano	Evento	Efeito
2009	Operação de tradução realizada por uma integrante do grupo original interessado na artesanaria	Reagrupamento das mulheres do grupo original e adesão de novas interessadas
2009	Acompanhamento do grupo por uma bolsista do CNPq	Início do processo da segunda tradução. Ligação das artesãs com outros profissionais e feiras
2010	Conjunto de palestras e cursos e excursões	Aperfeiçoamento técnico e organizacional
2010	Definição do nome e logotipo do grupo	Criação de identidade para o grupo
2010	Cadastramento na SUTACO	Reconhecimento oficial do grupo, elevação da autoestima
2010	Matérias na mídia impressa, eletrônica e televisiva	Divulgação do grupo, elevação da autoestima
2010	Controvérsia organizacional	Desânimo e fortalecimento da idéia de fundação de uma entidade própria
2010	Participação em feiras	Comercialização de produtos, divulgação do grupo, trocas de informações com outros grupos
2010	Construção da rede sociotécnica da Oficina de Fibra	Viabilização do grupo de artesãs
2010	Fundação da Associação das Artesãs da Área Rural de Mongaguá	Consolidação da identidade do grupo e maior inserção social no bairro com a participação na organização de eventos



2011	Realização de pesquisa de mercado participativa	Conhecimento do potencial dos produtos, oportunidades de comercialização e limitações do grupo
2011	Realização da oficina sobre os tipos Psicológicos de Jung	Melhor conhecimento das dinâmicas individuais e harmonização do grupo
2011	Integração da Oficina de Fibra ao Turismo Rural Pedagógico	Aumento da inserção social do grupo, estabelecimento de novo canal de comercialização
2011	Cessão de um quiosque na orla da praia pela Prefeitura Municipal de Mongaguá para comercialização	Estabelecimento de um ponto fixo de comercialização. Melhoria dos meios de acesso ao mercado e maior estabilidade da rede sociotécnica da Oficina de Fibra

Quadro 6. Principais eventos e seus efeitos no segundo período da trajetória do grupo de artesãs do bairro rural da Água Branca

## 8 | CONCLUSÃO

O caso em tela proporciona um importante ensinamento, visto que a atividade de artesanato em fibra de bananeira e a forma de organização das artesãs fundamentada na economia solidária não partiu do poder público, mas da necessidade apontada por um grupo de mulheres do bairro rural da Água Branca/Mongaguá. Assim, o Estado deve atuar de acordo com as solicitações e dinâmicas das comunidades e não de acordo com a lógica dos governantes.

O modelo proposto para viabilização de grupos de mulheres do meio rural na produção de artesanato se mostrou pertinente. A sua construção se deu com base nas necessidades de um grupo que se mantém por quatro anos em atividade e expressa evolução na qualidade dos produtos elaborados e na superação de controvérsias internas. Além disso, promove ganhos, principalmente de caráter social, aponta as necessidades de fortalecimento da rede sociotécnica que porta o grupo, cria condições para haver relações mais harmoniosas e propõe a reorganização do grupo adequando as artesãs às atividades de acordo com os perfis psicológicos de cada uma, com vistas à sua sustentabilidade.

O papel do poder público é determinante para os resultados que se obtém com esse tipo de iniciativa, pois o modelo é aplicável para grupos de mulheres que dependem da ação do Estado para a sua viabilização, visto que as suas integrantes não encontram individualmente oportunidades no mercado de trabalho formal. As ações desenvolvidas abarcam uma significativa gama de abordagens e reforçam a necessidade dos extensionistas rurais atuarem no campo técnico e também como tradutores nos processos de construção de redes sociotécnicas.



## REFERÊNCIAS

AMBLARD, H.; BERNOUX, P.; HERREROS, G. & LIVIAN, Y.F. *Les nouvelles approches sociologiques des organisations*. Paris: Seuil. 2005. 244 p.

BERNOUX, P. *Sociologie du changement: dans les entreprises et les organisations*. Paris : Seuil. 2004. 308 p.

BEURET, J. E. *La conduite de la concertacion pour la gestion de l'environnement et le partage des ressources*. Paris: Éditions L'Harnattan, 2006. 322p.

BYINGTON, C.A.B. *Pedagogia Simbólica*. Rio de Janeiro, Rosa dos Ventos, 1996.

CALLON, M. Le réseau comme forme émergente et comme modalité de coordination : les cas des interactions stratégiques entre firmes industrielles et laboratoires académiques. IN : CALLON, M ; COHENDET, P., CURIEN, N., DALLE, J. M., EYMARD DUVERNAY, F., FORAY, D., SCHENK. *Réseau et coordination*. Paris: Economica. 1999. 13 – 64 p.

DAGNINO, R. Tecnologia social. In: CATTANI; LAVILLE, J-L; GAIGER, L.I.; HESPANHA, P. *Dicionário de outra economia*. Coimbra: Edições Almedina. 344 p.

DAYAN, A. *Les études de marché*. Paris: Presses Universitaires de France. 2004. 127p.

DIANNO, M. V. *Mongaguá: história da minha cidade*. Ed. do Autor, 2007. 256 p.

FRANÇA FILHO, G.C.; LAVILLE, J.-L. *Economia solidária: uma abordagem internacional*. Porto Alegre: Editora da UFRS. 2004. 199 p.

FREEMAN, J. Introdução. IN: JUNG, C. G. *O homem e seus símbolos*. (Edição especial brasileira). 9 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 19--. 316 p.

GARAVELLO, M. E. P. E.; MOLINA, S. M. G. ; SILVA, M. R. ; COSTA, E. E. M. Artesanato com fibra de bananeira: uma experiência no Vale do Ribeira, SP. *Revista de Cultura e Extensão*, v. 3, 2010, p. 31-36.

GUÉRIN, I. *As mulheres e a economia solidária*. São Paulo: Edições Loyola. 2005. 239 p.

IBGE. Dados do censo 2010 publicados no Diário Oficial da União do dia 04/11/2011. [http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados\\_divulgados/index.php?uf=35](http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados_divulgados/index.php?uf=35). Capturado em 13/07/2011.

JUNG, C.G. *Tipos psicológicos*. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes. 2011. 614 p.

LATOURET, B. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: UNESP, 2000. 438 p.

LAVILLE, J-L; GAIGER, L.I. Economia solidária. In: CATTANI; LAVILLE, J-L; GAIGER, L.I.; HESPANHA, P. *Dicionário de outra economia*. Coimbra: Edições Almedina. 344 p.

MINAYO, M.C.de S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. Hucitec-Abrasco. 7a edição. São Paulo : 2000. 269 p.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Agricultura e Abastecimento. Coordenadoria de Assistência Técnica Integral. Instituto de Economia Agrícola. *Levantamento Censitário de Unidades de Produção Agrícola do Estado de São Paulo – LUPA. 2007/2008*.

SILVA, J.G. *O novo rural brasileiro*. Campinas: UNICAMP. 2 ed. 2002. 151 p. (Coleção pesquisas 1).

SILVEIRA, N. *Jung: vida e obra*. 21 ed. São Paulo: Editora Paz e Terra. 2007. 169 p.

TORRE, A.; FILIPI, M. *Proximités et changements socio-économiques dans les mondes ruraux*. Paris: INRA Éditions. 2005. 322 p.

TORRE, A.; BEURET, J-E. *Proximités territoriales*. Paris: Economica, 2012. 105 p.

VON FRANZ, M.L.& HILMAN, J. *A Tipologia de Jung*. São Paulo: Editora Cultrix, 1990.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-85107-27-7

